

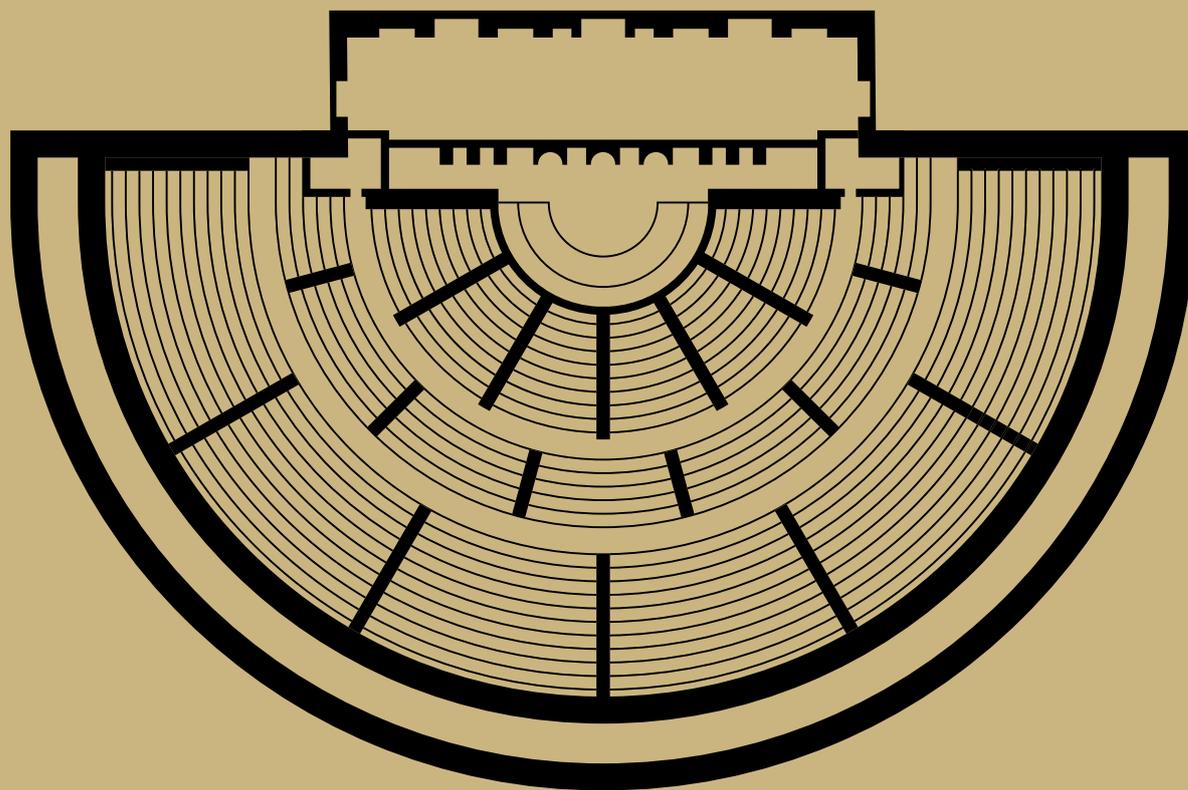
MMXX - 2020

---

# SCAENA

---

REVISTA DO MUSEU DE LISBOA - TEATRO ROMANO



ESTUDOS DO  
TEATRO ROMANO



MMXX - 2020

---

# SCAENA

---

REVISTA DO MUSEU DE LISBOA - TEATRO ROMANO

ESTUDOS DO  
TEATRO ROMANO

# ÍNDICE

<b>I. O MUSEU DE LISBOA – TEATRO ROMANO</b> .....	11
<b>Museu de Lisboa – Teatro Romano. Espaço museográfico e património arqueológico</b>	
Lídia Fernandes .....	12
<b>O Museu de Lisboa – Teatro Romano: o Projeto de Arquitetura</b>	
Daniela Ermano e João Carrasco .....	30
<b>Intervenção estrutural no Museu de Lisboa – Teatro Romano</b>	
João Appleton, Vasco Appleton, Rita Gonçalves e Inês Avó Almeida . . . .	40
<b>II. ANTES E DEPOIS DO TEATRO</b> .....	45
<b>Antes do teatro: a cidade de <i>Olisipo</i> no período romano republicano</b>	
João Pimenta .....	46
<b>O fim do teatro romano: abandono ou destruição</b>	
Lídia Fernandes e Marco Calado.....	62
<b>O Museu de Lisboa – Teatro Romano: um testemunho da época industrial na cidade de Lisboa</b>	
Isabel Cameira .....	70
<b>III. A CIDADE DE FELICITAS IULIA OLISIPO E O SEU TEATRO</b> .....	81
<b><i>Felicitas Iulia Olisipo</i> a Lisboa Romana</b>	
Carlos Fabião.....	82
<b>Notas sobre a paisagem epigráfica da Lisboa romana</b>	
José d'Encarnação .....	98
<b>IV. CERÂMICAS E ARGAMASSAS DO TEATRO ROMANO</b> .....	111
<b>As argamassas romanas do teatro de <i>Olisipo</i>: caracterização e importância do seu estudo</b>	
João Coroado .....	112
<b>A cerâmica fina romana do teatro de <i>Olisipo</i></b>	
Eurico de Sepúlveda e Catarina Bolila .....	120
<b>As ânforas romanas do teatro de <i>Olisipo</i></b>	
Victor Filipe .....	136
<b>V. ABSTRACTS</b> .....	155





# NOTAS SOBRE A PAISAGEM EPIGRÁFICA DA LISBOA ROMANA

---

**José d'Encarnação**

Professor Catedrático aposentado  
da Universidade de Coimbra  
jde@fl.uc.pt

---

Não se concebe uma cidade sem inscrições. Desde os tempos sumérios até à actualidade, exerce o monumento epigráfico um fascínio inigualável. Há, pois, toda uma *paisagem epigráfica* de que comungam as gentes e de que se servem indivíduos e entidades para fazerem passar a sua mensagem.

Fazemos, pois, brevíssima viagem pelas epígrafes dessa Lisboa romana, detendo-nos aqui e além, para terminarmos, como se impunha, no teatro, cuja paisagem epigráfica ali está a enquadrar a cena, os actores... tal como as faixas publicitárias móveis dos estádios de futebol modernos!... Vêm-se e ouvem-se os actores, sim, mas os letrados permanecem lá, eloquentes à sua maneira, impávidos e serenos.

Falamos da promoção que o augustal perpétuo *C. Heius Primus* e toda a sua família assim lograram obter. A datação precisa da epígrafe que mandou gravar constitui mais um sintoma (a juntar a outros) de uma ligação estreita de *Olisipo* com a capital do Império. E, finalmente, confirmamos que a imagem que das epígrafes se desprende é a de elevada cultura geral e epigráfica, manifestada quer na onomástica dos olisiponenses, quer na tipologia de fino recorte clássico da quase totalidade dos monumentos que chegaram até nós, quer nos formulários adoptados.

Detivemo-nos propositadamente no teatro, pois não haveria, de facto, melhor ambiente para uma conclusão: a epígrafe põe em cena personagens, emoções, histórias, políticas – tal como o teatro!...

# Introdução

Impossível pensar nas civilizações ditas mesopotâmicas de há uns milénios atrás sem nos vir ao pensamento a escrita cuneiforme com que Assírios, Medos e Persas cobriam as paredes dos seus monumentos, o dorso das suas esculturas. Difícil será conceber a civilização egípcia antiga sem a visão omnipresente dos hieróglifos!

Há, pois, desde há milénios, uma «paisagem epigráfica», ou seja, a marca da presença expressamente vincada do Homem, como que a dizer «por aqui passei, sou uma pessoa!». Conceberíamos nós, hoje, uma cidade sem letreiros, ainda que já em painéis informatizados e luminosos?

De facto, se atentarmos no que à civilização romana diz respeito, verificamos facilmente que esse aparecimento de uma «paisagem epigráfica»<sup>01</sup> se encontra intimamente ligado a duas concepções novas que surgiram na transição da República para o Império. Primeiro, o crescimento das cidades e a necessidade maior de informação concreta; depois, a passagem de uma sociedade em que todos eram *cives*, cidadãos, com (teoricamente) os mesmos direitos e deveres, para uma outra em que o exercício do poder – militar, económico, político, religioso... – passou a carecer de manter e alargar a sua base social de sustentação. Havia quem sobrelevasse os demais, quem se notabilizasse e era merecedor, por isso, de imortalização em caracteres gravados na pedra. O mármore – cujo uso no Ocidente começou a generalizar-se justamente no tempo do imperador Augusto – oferecia, teoricamente, essa garantia de eternidade, uma vez que não se pensava de imediato que o homenageado ou o mecenas viessem a cair em desgraça e seus nomes fossem martelados, alvo de *damnatio memoriae*, indignos de permanecer na pedra!

*Olisipo* não fugiu, pois, a esse hábito – já viçoso, aliás, quando César a fundou e lhe deu os epítetos de *Felicitas Iulia*.

Cidade que – pela sua localização excelente ao fundo de amplo estuário e pelo seu clima temperado-mediterrânico – nunca deixou de ser habitada, Lisboa viu seu corpo sofrer as naturais modificações que as seculares vicissitudes acarretam. Outros homens se ilustraram; outros alfabetos surgiram; outros interesses imobiliários vieram ao de cima, menosprezando letreiros que nada lhes diziam e cujo formato bem quadrava, de resto, com as paredes que ora queriam erguer. Por isso, houve reaproveitamentos epigráficos – e a placa de *Licinia Maela*, (Silva, 1944, nº 7, pp. 100-101) com subsequente inscrição em árabe (Barceló, 2013), é uma dessas provas – e houve, sobretudo, muita integração dessas epígrafes nos edifícios que, ao longo dos séculos, se foram construindo (Fig. 1).

**Fig. 1** – Placa funerária de *Licinia Maela*, com posterior inscrição em árabe.  
© Museu de Lisboa – Palácio Pimenta.  
(Barceló, 2013)



<sup>01</sup> — Esta mui feliz expressão não terá sido expressamente ‘cunhada’ pelo meu saudoso Mestre Giancarlo Susini (1982), como se sugere na p. 93 do texto de Lídia Fernandes e Ana Caessa (2006-2007), contudo, é bem verdade que o Mestre o deu a entender quando explicitou que um dos elementos primordiais para se entender o verdadeiro significado de uma epígrafe consistia em averiguar «o ambiente e a paisagem para que a inscrição fora destinada, os ambientes e a paisagem onde sucessivamente vivera» (Susini, 1982, p. 17).

Nesse âmbito, teve o terramoto de 1755 dupla consequência: houve epígrafes que irremediavelmente se perderam e outras que, ao invés, se recuperaram e vieram a merecer, por isso, a maior atenção dos estudiosos, porquanto, recorde-se, se estava em pleno período neoclássico, em que aos monumentos epigráficos se dava, por tal motivo, a maior atenção.

## I O letreiro e a sua curiosidade

---

Valerá a pena, neste passo, ilustrar o que se acaba de referir, pois a «paisagem epigráfica» de Lisboa – decerto por ter sido a capital de um grande Império e, na época romana, ter constituído, não há dúvida, empório notável de todos os pontos de vista – sempre cativou atenções.

O citado livro, já clássico, de Vieira da Silva, o primeiro – e, até ao presente, o único! – mais completo repositório de todas as inscrições romanas atribuídas à cidade, apresenta, nas p. 284 a 320, o «índice dos autores citados que trataram de inscrições olisiponenses» e logo por essa circunstanciada relação se verifica como, desde muito cedo, foi enorme a curiosidade despertada, reflexo claro da consciência que sempre se teve de que um letreiro consubstancia, mesmo em palavras poucas, enorme potencial informativo. De resto, Augusto Vieira da Silva parece ter-se apercebido de imediato dessa circunstância, pois decidiu organizar e publicar, de seguida (pp. 321-325), a «relação cronológica dos autores, segundo as datas certas das edições das suas obras, ou presumíveis das suas compilações». E o rol, ainda que com pontos de interrogação, começa em... 1505!

*um letreiro  
consubstancia,  
mesmo em  
palavras poucas,  
enorme potencial  
informativo.*

Na verdade, obra nenhuma trata de Lisboa e de suas grandezas – para se utilizar um termo caro a Frei Nicolau de Oliveira (*Livro das Grandezas de Lisboa*, Lisboa, 1620) – sem que às suas inscrições reais ou imaginárias faça alusão. Em 1753, por exemplo, Luís Marinho de Azevedo logo dá conta, no livro III da sua obra (1753)<sup>02</sup> de 28 inscrições, inserindo-as nos seguintes capítulos (e é deveras interessante analisar os títulos, precisamente neste âmbito do valor probatório das epígrafes): IV – «De como os cidadãos dos municípios estavam agregados à tribo Galéria de Roma, como também o estavam os de Lisboa; o que se prova com algumas pedras do tempo de Roma» (p. 12); V – «De outras pedras de cidadãos da tribo Galéria e da geração das Amenas» (p. 17); VI – «De mais sepulcrais achadas em Lisboa e seu distrito e das cerimónias usadas nos enterros dos defuntos» (p. 21); VII – «De outras pedras de tempo dos Romanos, que se acham em Lisboa» (p. 27).

02 — Nas citações, actualizo a grafia, não seguindo, porém, o novo dito acordo ortográfico, a que não obedeco; introduzo também alteração na paginação e na pontuação, para melhor compreensão, respeitando, porém, o significado.

Não deixará de ser elucidativo debruçar-nos, a título de exemplo, sobre uma dessas referências, retomada por Vieira da Silva (nº 75) e aceite como autêntica (veja-se CIL II 193)<sup>03</sup>, apesar de ainda não haver sido reencontrada para melhor verificação do seu texto. Escreve Luís Marinho de Azevedo (1753):

«Detrás da igreja de São Tiago, junto à porta das casas de D. Pedro Fernandes de Castro, está uma grande pedra de mármore vermelho jaspeado, a qual foi memória pública e conserva ainda todas as letras inteiras com a seguinte inscrição:

D. D.  
L. CANTIO. L. F.  
GAL. MARIN  
EDILI.  
VIBIA MAXIMA  
AVIA ET  
MARIA. PROCVL.  
MATER HONOR.  
CONTENTÆ  
D. S. P.

Significa em língua portuguesa:

«Por decreto dos Decuriões. Vabia Máxima Avia mandou pôr esta estátua a Lúcio Cancio Marino Edil, filho de Lúcio da tribo Galéria, sendo sua mãe Maria Procula contente desta honra».<sup>04</sup>

«Tem a pedra algumas cousas dignas de ponderação, como é o decreto dos Decuriões, sem o qual se não podiam levantar memórias públicas a pessoa particular, e quando se dispensava era com as mais beneméritas da República e com grande autoridade nela, como o devia ser Lúcio Cancio, cuja qualidade se confirma com o ofício que tinha de Edil, o qual era um magistrado Curul, que havia em Roma com quatro destes Edis, os dois principais Curuis, e dois do povo, que eram menores, e correspondia seu exercício em parte ao de nossos Almotacés, palavra árabe que significa o que tem mando sobre pesos e medidas, para que distribua o que a cada um toca sem fraude nem engano do comprador, o que nos ficou do tempo que os Árabes foram senhores de Espanha.

03 — CIL II = Hübner, E. (1869 e 1892), *Corpus Inscriptionum Latinarum – II*. Berlim. O número árabe corresponde ao número que a inscrição tem neste *corpus*.

04 — Mantive Vabia; trata-se, porém, de evidente gralha tipográfica, por Víbia. Anote-se de passagem que a interpretação de Luís Marinho não está completamente correcta; é assim: o edil foi homenageado; a avó, *Vibia Maxima*, e a mãe, *Maria Procula*, contentes com a honra, mandaram fazer a epígrafe a expensas suas (*de suo posuerunt*).

Era este ofício o terceiro na dignidade e mando que havia em Roma e tinha a cargo o provimento dos mantimentos, para que não houvesse penúria deles, antes sobejassem em abundância. E era fiel dos pesos e medidas, para que a cada um se desse o que lhe tocava. Estava também a seu cargo o reparo dos edifícios públicos e particulares e os gastos dos aparatos que se faziam para os jogos e festas públicas e outras cousas dependentes destas. Deve-se notar também nesta pedra o nome *Maria*, que se acha em algumas inscrições, das que traz Valério Probo em suas antiguidades. Com esta pedra se confirma ser o apelido Marino antiquíssimo, pois se acha também em outras do mesmo tempo [...]» (p. 14-15) e segue-se a referência à epígrafe que Vieira da Silva (1944) menciona sob o nº 113.<sup>05</sup>

Deixe-se de parte o capítulo IX – «De como Octaviano sucedeu no Império do Mundo a seu tio Júlio César e do templo que teve em Lisboa com particulares sacerdotes» (Azevedo, 1753, p. 35) e documente-se o recurso a inscrições hoje tidas como forjadas, apesar de todos os pormenores em que é envolvido o seu achamento. É título do capítulo VIII: «De uma pedra achada em Lisboa com que se confirma haver nela templo dedicado à deusa Tétis, com outros rastos de notáveis antiguidades».

Atente-se no ‘enquadramento’ (pp. 32-33):

«Entre as mais pedras que foram achadas em Lisboa era célebre outra, das ruínas da igreja velha de S. Nicolau desta cidade, a qual a pouca notícia, conhecimento e estima de semelhantes antiguidades fez lançar nos alicerces da igreja nova; mas foi a tempo que, querendo os pedreiros fazer-lhe aquela injúria, acertou de passar o Licenciado João Baptista Gracião, Auditor que foi da Armada Real, e vendo que aquela se ficava escurecendo, pediu tinta e pena a um vizinho e, no pouco tempo que os pedreiros lhe concederam, pôde apenas trasladar as letras, que eram estas:

DIS MARIS SAC.  
NAVTAE. ET. REMIG.  
OCEA ::::: NVS  
IN TEMPL.TETH :::  
: ::::: : OBTVLE  
RVNT.PRO.TVENDIS  
:::::  
E. V. D. D.

Informa o autor que lamentara o licenciado não lhe ter sido possível copiar as letras todas, mas que, no entender de Gracião, o letrado se explicaria assim:

<sup>05</sup> — Por sinal, um monumento que veio a saber-se ser de S. Domingos de Rana, Cascais, e não de Lisboa (Encarnação, 2001, nº 9).

«Memória consagrada aos Deuses do mar. Os marinheiros e barqueiros do Oceano ofereceram este dom no Templo de Tétis, para que lhes livrem suas embarcações de tempestades. Dedicaram-lho por voto que tinham feito» (p. 33).

Após breve excursão sobre a natureza de Tétis e dos referidos «deuses do mar», não hesita Luís Marinho de Azevedo em criticar o Senado da Câmara atendendo ao «grande e fatal descuido que na conservação de semelhantes antiguidades houve sempre, e há, nesta cidade», preconizando que se faça postura «por que se mandasse aos pedreiros que, achando alguma nos edifícios que se derrubam, com algumas letras, a não quebrassem nem usassem dela sem vistoria do Vereador do pelouro das Obras, para lhe assinar lugar no mesmo edifício, onde se colocasse, para se não perderem semelhantes memórias, pois com elas se enobrecem tanto os lugares» (p. 33).

Uma proposta cuja premente actualidade permanece!

Tem-se desde há muito esta epígrafe por forjada, como Vasco Mantas sobejamente demonstrou (1976) o que interessa, porém, realçar é a mentalidade que destas linhas transparece.

Tal consciência da importância que um letreiro antigo detém e a curiosidade que suscita estão igualmente patentes nas publicações do século XIX. Não me refiro às publicações científicas – pois, como se sabe, é a partir da 2ª metade desse século que a História e as disciplinas suas afins se guindam à categoria de «científicas», com objecto próprio, objectivo bem definido e metodologia adequada (Gusdorff, 1960) – mas a simples revistas de divulgação cultural, como o «semanário ilustrado» *Archivo Pittoresco*. No seu vol. 6, de 1863, na p. 327, fala-se da antiguidade da Ameixoeira<sup>06</sup> e realça-se o aparecimento aí de «vários cipos com inscrições romanas», uma das quais, referente a um *orator*, fora, aliás, colhida na p. 64 da *Gazeta de Lisboa Occidental* do dia 22 de Fevereiro de 1720, onde, pela descrição, se dá a entender estarmos perante um pedestal, porque refere a existência de «uma abertura em quadro de um palmo de profundo [...] onde parece estava encaixado algum busto ou urna». Teve Luís da Silva Fernandes (2000) ensejo de bem analisar estes dados,<sup>07</sup> pelo que apenas interessará sublinhar agora como todas essas referências comprovam o fascínio que as epígrafes ao longo dos tempos sempre despertaram. E daí que as possamos utilizar como fontes privilegiadas para algo se conhecer da Lisboa romana.

06 — O artigo é de I. Vilhena Barbosa, «Fragmentos de um roteiro de Lisboa (inédito) – Arrabaldes de Lisboa» (pp. 316-328).

07 — O autor salienta, a concluir, «a importância da retórica e da cultura na competição entre notáveis municipais» (p. 208), uma vez que *orator* é sinónimo de professor e *Nepos* poderá estar relacionado com os vários *Quinti Iulii* registados em *Olisipo*, inclusive a ocupar funções municipais.

## II

# A população

---

Temos, nas cidades, dois mundos: o dos vivos e o dos mortos. Em qualquer deles, a epigrafia está bem presente, quiçá ainda mais no segundo que no primeiro.<sup>08</sup> Uma epigrafia, já se disse, de pessoas, cuja identificação – daquela maneira e não doutra – familiares ou clientes quiseram imortalizar. Ao epigrafista em particular e ao historiador em geral cumpre, pois, discernir ‘o que está por detrás’, o porquê da escolha feita.

Não cabe no propósito deste ensaio análise circunstanciada de famílias e de onomásticas. Importa, sim, declarar que os estudos feitos<sup>09</sup> apontam no sentido de que rapidamente a população indígena se aculturou, o que é visível através da manutenção de cognomes etimologicamente pré-romanos; bem depressa se usaram os *tria nomina*, modo de identificação latino, amiúde sem referência ao patronímico (por ser indígena); os escravos foram libertados e deixam-se reconhecer por terem mantido os nomes próprios gregos, agora transformados em *cognomina* na designação com *tria nomina*, dos quais os dois primeiros (*praenomen* e *nomen*) são, naturalmente, recebidos do patrono que os libertou. Muitos se apresentam como cidadãos, inscritos na tribo Galéria, que foi a tribo a que o instituidor do município adscreeu *Olisipo*.

Para além da população comum, cujos nomes se registaram nas lápides funerárias, há os que exerceram funções públicas e cargos municipais.

*Temos,  
nas cidades,  
dois mundos:  
o dos vivos e  
o dos mortos*

Já se referiu um *orator*; a epígrafe de *L. Cantius Marinus* pode servir de exemplo para essa alusão a cargos no município, pois que foi edil, ou seja, estaria encarregado de assessorar os duúnviros<sup>10</sup> em questões administrativas. Aliás, transcreveu-se a passagem de Luís Marinho de Azevedo em que ele compara os edis aos almotacés; de facto, não andariam longe das destes as suas obrigações e prerrogativas.

Dentre os personagens publicamente homenageados há que referir *L. Cornelius Bocchus*, um cavaleiro natural de *Salacia* (Alcácer do Sal), elemento proeminente de uma família de elevado poder económico, político e social.<sup>11</sup>

08 — Houve necrópole onde hoje se localiza a Praça da Figueira. Algumas epígrafes se conseguiram salvar, mas os apertados prazos dos trabalhos para a construção do parque subterrâneo, em 1999-2001, não permitiram a identificação desejável. Cf. Vieira, V. (2011) onde se apresenta exaustiva bibliografia e se faz o enquadramento desses achados. Recorde-se que, em *L' Année Épigraphique* (1965, pp.267-269), se dá conta de três interessantes epígrafes aí encontradas [estudadas por B. Ferreira e J. M. Almeida (1965), uma das quais documenta significativo acolhimento dos formulários romanos: saúda-se – Have – *Passeria Romula*, falecida com apenas 4 anos de idade!

09 — Cf., a título de exemplo, Mantas, V. G. (1994).

10 — Correspondentes aos nossos presidentes de Câmara, só que, em Roma, eram dois e com direito de veto, para se não cair em prepotências...

11 — Sobre os *Cornelii Bocchi*: J. L. Cardoso e M. Almagro-Gorbea [eds.], 2011. A epígrafe de Lisboa foi dada a conhecer por Diogo, A. M. e Trindade, L. (1999).





Fig. 3 – Inscricção dedicada à mãe dos deuses, Frígia, embutida na parede do edifício da Travessa do Almada (Silva, 1944).

### III

## As crenças

Se a presença da consagração aos deuses Manes em inscrições funerárias é sintoma de que a essas divindades se entregavam os defuntos para os protegerem no Além, protecção terrena foi solicitada ou agradecida em *Olisipo* às divindades do panteão romano (*Mercurius*, *Apollo*, *Aesculapius*,<sup>12</sup> *Iuppiter Optimus Maximus*, *Cíbele*, a «Mãe dos Deuses»... Figs. 2 e 3), e, até, às divindades pré-romanas, como será o caso de *Kassaecus*, a quem *M. Caecilius Caeno* dedica ex-voto.<sup>13</sup>

À religião se une o poder político – e não há que estranhar. Augusto, o primeiro imperador, não determinou que o considerassem divino; não proibiu, contudo, que como tal lhe prestassem culto. Pelos municípios, colónias e províncias se começou, pois, a organizar o chamado «culto imperial», com colégios sacerdotais próprios: os flâmines e flamínias, eleitos anualmente, e os sêxviros, assim chamados por serem seis, escolhidos entre os libertos. Se os flâmines gozavam de um estatuto político-social relevante, os sêxviros augustais notabilizavam-se através do poder económico e não nos admiraria, por isso, saber que por esse colégio passava, sem dúvida, boa parte dos negócios, dos «jogos económicos» dessa *Olisipo* mercantil e poderosa... (Quinteira e Encarnação, 2009).

### IV

## O teatro

E serão essas personalidades que, para granjearem mais prestígio e alargarem a sua base social de apoio, se tornam mecenas, levando a cabo, por sua livre iniciativa e a expensas próprias (o que nunca se esquecem de mandar lavar no mármore, para que se não olvide), obras de valorização de edifícios públicos. É bem conhecida a inscrição referente à reconstrução das termas dos Cássios, levada a efeito, no ano de 336, é certo que por indicação de um governador da Lusitânia, mas quem superintende aos trabalhos é um cidadão olisiponense, Aurélio Firmo (Encarnação, 2009).

Eram as termas local privilegiado de encontro e de convívio, propício, portanto, a que nelas figurassem inscrições honoríficas ou monumentais. O *forum*, como praça central da urbe, prenhe de incessante movimento quotidiano, palco das manifestações cívicas e culturais, constituía, sem dúvida, outro desses cenários por excelência (Encarnação, 2010). Mas, aí, seriam epígrafes monumentais, cipos honoríficos, pedestais... material, em suma, que, pela sua dimensão e natural esbelteza, quadrava às mil maravilhas em construções subsequentes, como Luís Marinho de Azevedo se queixava. Muitas se encontraram já,

Fig. 2 – Inscricção dedicada a Mercúrio, embutida na parede do edifício da Travessa do Almada (Silva, 1944).

12 — O achamento de uma inscrição em honra desta divindade 'médica' (Silva, nº 103) levou a considerar 'termas' a estrutura arquitectónica que, em devido tempo, teve a ousadia, depois aceite pelos investigadores, de classificar como criptopórtico: cf. Encarnação (1973).

13 — <http://eda-bea.es/>, n.º de registo 22 694.



Fig. 4 – Baixo relevo com a representação de Melpomene, a musa da tragédia – Museu de Lisboa – Teatro Romano.  
© José Avelar – Museu de Lisboa / EGEAC

em reutilização, à medida que mais atenção se vai dando às obras urbanas;<sup>14</sup> a maior parte jaz ainda por essas paredes cidadinas – como jazeu durante séculos o teatro romano. Ora, constituía o teatro (como, aliás, o anfiteatro) outro dos lugares paradigmáticos de uma cidade, porque dos Gregos herdaram os Romanos o gosto pela comédia e pela tragédia e, tal como hoje, era na fictícia *scena* teatral que podiam, mais facilmente e sem enleios, verberar-se costumes, insinuar trapaças e, também, semear Cultura no sentido mais amplo da palavra...

E do teatro romano de *Olisipo* se lograram, até ao momento, identificar três epígrafes.

Legenda, uma, em grego, o baixo-relevo de Melpómene (Fig.4), a musa da tragédia, o que sugere a possibilidade de outras musas estarem aí representadas, pelo menos também Tália, a da Comédia. O facto de se usar a língua grega não pode passar despercebido, pelo toque erudito que pressupõe. Aliás, essa tônica cultural é deveras importante. E surge-nos de imediato a imagem do imperador Augusto, que, no teatro de Arles, foi representado qual Apolo!...

Perpetua a outra inscrição justamente um desses actos benemerentes a que atrás se fazia referência. É seu agente, um augustal perpétuo, *C. Heius Primus* de seu nome (Fernandes, 2007). Nessa monumental epígrafe, datável do reinado de Nero (2º semestre do ano 57, antes de 13 de Outubro),<sup>15</sup> se diz que ofereceu o proscénio e a orquestra com os seus ornamentos: *proscenium*

*et orchestram cum ornamentis* (Fig 5). Parte-se, pois, do princípio de que se está, neste caso, perante uma remodelação do edifício, que é, na sua estrutura básica, datável, mui provavelmente, dos primórdios da municipalização olisiponense e que, por isso, ora coube ao augustal agradecer assim à cidade a suma honra de ter sido elevado à categoria de augustal perpétuo, oferecendo-se para dar novo ‘visual’ a um edifício público que os anos haviam maltratado. E não nos admiraria que – embora mais discretamente – também por aí, bem à vista de todos porém, estivesse a terceira epígrafe, aquela em que (por sua iniciativa ou sabiamente aproveitando a oportunidade) seis dos libertos de *Primus* lhe prestam homenagem.

14 — Justo é referir a acção notável de Frei Manuel do Cenáculo (1724-1814), contemporâneo de Luís Marinho de Azevedo, que, durante a sua estada em Lisboa, colecionou muitas epígrafes, que levou depois para Beja e, de seguida, para Évora, em cujo Museu Distrital se encontram. Veja-se a singela síntese de Rui Morais, «Um caso exemplar: Cenáculo e o colecionismo no Portugal de Setecentos», *Cadmo*, 19, 2009, pp. 209-228. A investigação que levámos recentemente a efeito, a partir da documentação guardada na Biblioteca Pública de Évora, mais nos revelou a grande cultura clássica deste bispo (Encarnação, Gaidão, 2015).

15 — Aceita-se a interpretação proposta por Armin Stylow de se ler *Nerone* (em ablativo, como complemento circunstancial de tempo) em vez do dativo *Neroni*, interpretável como se o imperador ali tivesse sido homenageado (cf. HEP 11 2005 690). Não se trata, pois, necessariamente, de um «teatro de Nero», como D. Fernando de Almeida supôs (1966).

Há, pelo menos, três aspectos a considerar nesta paisagem epigráfica do teatro romano – e volto ao termo «paisagem», porque ele é, aqui, verdadeiramente apropriado, pois as epígrafes estão ali, diante de todos, a enquadrarem a cena, os actores... tal como as faixas publicitárias móveis dos estádios de futebol modernos!... Vêem-se e ouvem-se os actores, sim, mas os letrados permanecem lá, eloquentes à sua maneira, impávidos e serenos. Que melhor promoção se poderia requerer para *C. Heius Primus* e toda a sua família?

Esse, o da promoção individual, o primeiro aspecto e o mais relevante: dá-se para receber!

O segundo aspecto prende-se com a circunstância de haver uma datação precisa, mediante a especificação pormenorizada dos títulos imperiais, inclusive o de já se conhecer que estava Nero designado para exercer o consulado no ano seguinte. É, pois, sintoma de uma ligação estreita de *Olisipo* com a capital do Império, patente igualmente em outras epígrafes, essas, sim, de homenagem ao imperador ou a membros relevantes da sua família. Veja-se, a título de exemplo, o que se passou em relação a Adriano, ele próprio homenageado, assim como sua esposa Sabina Augusta, envolvendo-se em ambos os casos toda a cidade, por intermédio dos seus duúnvios, *M. Gellius Rutilianus* e *L. Iulius Avitus*.<sup>16</sup>



Fig. 5 – Inscrição monumental do prosclénio do teatro romano de *Olisipo* e pormenor dos suportes pétreos.

© José Avelar - Museu de Lisboa / EGEAC

Finalmente, a imagem que das epígrafes se desprende é a de elevada cultura geral e epigráfica, manifestada quer na onomástica dos olisiponenses, quer na tipologia de fino recorte clássico da quase totalidade dos monumentos que chegaram até nós, quer nos formulários adoptados.

Em conclusão:

Terminámos propositadamente no teatro, dado que a publicação lhe é particularmente dedicada; contudo, não haveria, de facto, melhor cenário para uma conclusão: a epígrafe põe em palco personagens, emoções, histórias, políticas – tal como o teatro!

16 — É a inscrição 72 do livro de Vieira da Silva: <http://eda-bea.es/>, n.º de registo 21 925. Pelos mesmos duúnvios se homenageia Adriano (<http://eda-bea.es/>, n.º de registo 21 275), homenagem que repercute todo um movimento generalizado de preito ao imperador, de que *Olisipo* se não quer alhear (cf. <http://hdl.handle.net/10316/23558>).

# Bibliografia citada

- AZEVEDO, L. M. (1753)** - *Fundação, Antiguidades e Grandeza da Mui Insigne Cidade de Lisboa e Seus Varões Ilustres em Santidade, Armas e Letras. Catálogo de Seus Prelados e Mais Cousas Eclesiásticas e Políticas até o Ano 1147, em que foi ganhada aos Mouros por El-Rei D. Afonso Henriques*, Lisboa.
- BARBOSA, I. V. (1863)** - Fragmentos de um roteiro de Lisboa (inédito). *Arrabaldes de Lisboa*, pp. 316-328.
- BARCELÓ, C. (2013)** - Lisboa y Almanzor (374 H. / 985 d. C.). *Conimbriga*, Lisboa: 52, pp. 165-194.
- CARDOSO, J. L. e M. ALMAGRO-GORBEA, eds. (2011)** - *LUCIUS CORNELIUS BOCCCHUS - Escritor Lusitano da Idade de Prata da Literatura Latina* [Colóquio Internacional de Tróia, 6-8 de Outubro de 2010]. Lisboa - Madrid.
- DIOGO, A. M. D. & TRINDADE, L. (1999)** - Homenagem a L. Cornelius Bocchus encontrada nas Termas dos Cássios, Lisboa. *Ficheiro Epigráfico*. Coimbra: 60, nº 275.
- ENCARNAÇÃO, J. (1973)** - Criptoportico romano no subsolo de Lisboa, em plena Baixa. *Jornal da Costa do Sol* [Cascais], 01-09-1973, pp. 4 e 6. Acessível em: <http://hdl.handle.net/10316/12960>.
- ENCARNAÇÃO, J. (2001)** - *Roteiro Epigráfico Romano de Cascais*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais.
- ENCARNAÇÃO, J. de (2009)** - As termas dos Cássios em Lisboa: ficção ou realidade?. In GORGES, J.; D'ENCARNAÇÃO, J. de; NOGALES BASARRATE, T. e CARVALHO, A. (eds.) - *Lusitânia Romana entre o Mito e a Realidade (Actas da VI Mesa-Redonda Internacional sobre a Lusitânia Romana)*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais, pp. 481-493. Acessível em: <http://hdl.handle.net/10316/12857>.
- ENCARNAÇÃO, J. de (2010)** - Das inscrições em foros de cidades do Ocidente lusitano-romano. In NOGALES BASARRATE, T. - *Cidade e Foro na Lusitânia Romana*. Mérida: pp. 121-126. Acessível em: <http://hdl.handle.net/10316/13495>.
- ENCARNAÇÃO J. de, GAIDÃO, R. (2015)** - As informações epigráficas de Frei Lourenço do Valle. In M. R. Mira (coord.), *Homenagem a Justino Mendes de Almeida*, Lisboa: pp. 27-41.
- FERNANDES, L., CAESSA, A. (2006-2007)** - O proscaenium do teatro romano de Lisboa: aspectos arquitectónicos, escultóricos e epigráficos da renovação decorativa do espaço cénico. *Arqueologia e História* (Revista da Associação dos Arqueólogos Portugueses), 58/59, pp. 83-102.
- FERNANDES, L. S. (2000)** - Q. Iulius Maximus Nepos, um orator em Olisipo. *Máthesis*, 9, pp. 197-220.
- FERNANDES, L. S. (2007)** - C. Heius Primus, augustalis perpetuus. Théâtre et mise en scène du pouvoir à Olisipo. In MAYER I OLIVÉ, M.; BARATTA, G. e GUZMÁN ALMAGRO, A. (eds.) - *Acta XII Congressus Internationalis Epigraphiae Graecae et Latinae*, Barcelona: pp. 483-490.
- FERREIRA, F. B. e ALMEIDA J. M., (1965)** - Varia epigraphica, *Revista de Guimarães*. 75, pp. 101-109.
- GUSDORF, G. (1960)** - *Introduction aux Sciences Humaines*. Paris: pp. 408-424.
- HÜBNER, E. (1869-1892)** - *Corpus Inscriptionum Latinarum* – II. Berlim.
- MANTAS, V. G. (1976)** - Notas acerca de três inscrições de Olisipo. *Conimbriga*. Coimbra: XV, pp. 153-157.
- MANTAS, V. G. (1994)** - Olisiponenses: epigrafia e sociedade na Lisboa romana. *Lisboa Subterrânea*, Lisboa: pp. 70-75.
- QUINTEIRA, C. e ENCARNAÇÃO, J. (2009)** - CIL II 182, de Olisipo. *Conimbriga*, XLVIII, pp.181-187. Acessível em: <http://hdl.handle.net/10316/13088>.
- SILVA, A. V. da (1944)** - *Epigrafia de Olisipo*. Lisboa.
- SUSINI, G. (1982)** - *Epigrafia Romana*. Roma.
- VIEIRA, V. (2011)** - *As Lucernas Romanas da Praça da Figueira (Lisboa): Contributo para o Conhecimento de Olisipo*, tese de mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (Universidade Nova de Lisboa). Acessível em <http://hdl.handle.net/10362/6957>.

## Notas sobre a paisagem epigráfica da Lisboa romana

*Notes on the epigraphic landscape of Roman Lisbon*

### Resumo

Não se concebe uma cidade sem inscrições. Desde os tempos sumérios até à actualidade, exerce o monumento epigráfico um fascínio inigualável. Há, pois, toda uma *paisagem epigráfica* de que comungam as gentes e de que se servem indivíduos e entidades para fazerem passar a sua mensagem.

Assim, numa peça de teatro: há sempre uma mensagem a transmitir nas peças que aí se representam; mas também nas inscrições que envolvem todo o cenário.

Fazemos, pois, brevíssima viagem pelas epígrafes dessa Lisboa romana, detendo-nos aqui e além, para terminarmos, como se impunha, no teatro, cuja paisagem epigráfica ali está a enquadrar a cena, os actores... tal como as faixas publicitárias móveis dos estádios de futebol modernos!... Vêm-se e ouvem-se os actores, sim, mas os letrados permanecem lá, eloquentes à sua maneira, impávidos e serenos.

Falamos da promoção que o augustal perpétuo *C. Heius Primus* e toda a sua família assim lograram obter. A datação precisa da epígrafe que mandou gravar constitui mais um sintoma (a juntar a outros) de uma ligação estreita de *Olisipo* com a capital do Império. E, finalmente, confirmamos que a imagem que das epígrafes se desprende é a de elevada cultura geral e epigráfica, manifestada quer na onomástica dos olisiponenses, quer na tipologia de fino recorte clássico da quase totalidade dos monumentos que chegaram até nós, quer nos formulários adoptados.

Detivemo-nos propositadamente no teatro, pois não haveria, de facto, melhor ambiente para uma conclusão: a epígrafe põe em cena personagens, emoções, histórias, políticas – tal como o teatro!...

### Abstract

It is inconceivable to think of a city with no inscriptions. From Sumerian times until the present day, epigraphic monuments have exercised an unparalleled fascination. There is, therefore, an *epigraphic landscape* that is shared amongst peoples and which both individuals and entities have used as a vehicle for transmitting their message.

Just as in a theatre: a message is always conveyed in the staged plays; but also by the inscriptions placed around the entire setting.

We will, therefore, make a brief tour of the epigraphy of this Roman Lisbon, stopping here and there, and ending, as it should be, at the theatre, whose epigraphic landscape provides a setting for the scene, actors... just like led advertising in modern football stadiums!... Surely, actors can be seen and heard, but these advertising signposts simply remain there, eloquent in their own way, impassive and serene.

We discuss the promotion obtained by the *augustalis perpetuus C. Heius Primus* and his entire family. The exact dating of the inscription that he ordered is yet another piece of evidence of the existence of a strong connection between *Olisipo* and the capital of the Roman Empire. Finally, we confirm that a high level of general and epigraphic culture can be inferred from the epigraphy, as displayed by the names of the inhabitants of *Olisipo*, either in the fine classical style of almost all the monuments that have survived to date or the *formulae* adopted.

We have stopped at the theatre on purpose, as this is the ideal setting for an ending: inscriptions bring to life characters, emotions, histories and policies – just like the theatre!...

# FICHA TÉCNICA

## Edição

EGEAC, EM I Museu de Lisboa – Teatro Romano

## Coordenação editorial

Lídia Fernandes

## Textos

Carlos Fabião

Catarina Bolila

Daniela Ermano

Eurico de Sepúlveda

Inês Avó Almeida

Isabel Cameira

Joana Sousa Monteiro

João Appleton

João Carrasco

João Coroado

João Pimenta

José d'Encarnação

Lídia Fernandes

Marco Calado

Rita Gonçalves

Vasco Appleton

Victor Filipe

## Projeto gráfico

atelier-do-ver

## Revisão e edição de texto

Carolina Grilo, Cristóvão Fonseca, Lídia Fernandes

## Tradução

Carolina Grilo

## Impressão

Rigor das Cores - Impressão Gráfica Lda.

## Tiragem

500 exemplares

## ISSN

2184-6979

## Ano

2020

## Depósito Legal

N.º 465402/19

## Agradecimentos

José Avelar, Carlos Loureiro, Lurdes Garcia (Museu de Lisboa / EGEAC);  
Arquivo Municipal de Lisboa (Câmara Municipal de Lisboa).



**MUSEU  
DE LISBOA**

**PALÁCIO  
PIMENTA**

**SANTO  
ANTÓNIO**

**TEATRO  
ROMANO**

**CASA DOS  
BICOS**

**TORREÃO  
POENTE**

Um museu. Cinco lugares. One museum. Five places.